

O ESCLARECIMENTO E A EDUCAÇÃO EM ADORNO E HORKHEIMER

Enlightenment and Education in Adorno and Horkheimer

La Ilustración y la educación en Adorno y Horkheimer

TIAGO SOARES DOS SANTOS

Instituto Federal do Paraná IFPR– Cascavel.

Doutorando em Filosofia pela Universidade

Estadual do Oeste do Paraná – Toledo / PR.

tiago.soares@ifpr.edu.br

LUIZ CARLOS ECKSTEIN

Instituto Federal do Paraná – IFPR – Cascavel.

Doutorando em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná.

luiz.eckstein@ifpr.edu.br

RESUMO O presente artigo apresenta o conceito de esclarecimento presente na obra *Dialética do esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985). Os autores argumentam que o esclarecimento tem a função de promover os homens à condição de senhores da natureza, dominando-a e submetendo-a conforme seus interesses e necessidades. As ideias desenvolvidas pelos pensadores abordam, de modo dialógico e comparativo, a questão entre o esclarecimento moderno e os mitos. A conclusão oferecida pelos frankfurtianos é de que o mito já possuía caráter esclarecedor diante da natureza e que o esclarecimento moderno apropriou-se das verdades míticas preestabelecidas, angariando sobre seu discurso o critério único de veracidade dos objetos. Esse discurso imperante é possível por meio da pretensa neutralidade e objetividade científica que parecem ocupar espaço metafísico e religioso no ideário social. A proposta de superação desse poderio hegemônico da ciência moderna é possível por meio de uma educação crítica. A teoria crítica da educação entende que o sujeito insere-se em um mundo dado. Entretanto, deve o sujeito colaborar ativamente na construção do mundo em que vive, tornando-se, assim, a antítese operante na edificação e transformação da sociedade existente. Para que essa inserção dialética aconteça, o sujeito precisa compreender a estrutura social existente. Por isso, faz-se necessária uma educação que não promova unicamente a reprodução dos saberes existentes, mas que sensibilize e estimule novos conhecimentos e interpretações a respeito dos fatos, para que uma nova ordem social se estabeleça. Tal necessidade deve pensar o educador e o educando em uma perspectiva que emancipe todos os envolvidos, que evite a normalização da barbárie e que instigue à reflexão e à construção de cidadãos mais justos, igualitários, emancipados e autônomos.

PALAVRAS-CHAVE: ESCLARECIMENTO; EDUCAÇÃO; FILOSOFIA.

ABSTRACT This paper presents the concept of enlightenment found in the work *Dialectic of Enlightenment*, by Theodor Adorno and Max Horkheimer (1985). The authors argue that enlightenment serves to lead men to the status of masters of nature, dominating and submitting it according to their interests and needs. The ideas developed by these thinkers dialogically and comparatively address the issue of modern enlightenment and myths. The conclusion offered by these members of the Frankfurt School is that myth already had an enlightening character as to nature and that modern enlightenment has appropriated the pre-established mythical truths, raising its speech on the sole criterion of the truth of objects. This prevailing discourse is possible through the supposed neutrality and scientific objectivity that seem to occupy a metaphysical and religious space in social ideals. The proposal for overcoming the hegemonic power of modern science is possible by means of a critical education. The critical theory of education understands that the subject is inserted within a given world. However, the subject must actively collaborate in the construction of the world in which he lives, thus becoming the antithesis working in the construction and transformation of the existing society. In order to this dialectic insertion to happen, the subject must understand the existing social structure. Therefore, it is necessary that education not only promotes the reproduction of the existing knowledge, but sensitizes and stimulates new knowledge and interpretations of the facts, so that a new social order is established. This need should consider the teacher and the student in a perspective that emancipates all those involved, prevents the normalization of barbarism, and instigates the reflection and creation of righteous, equal, emancipated, and autonomous citizens.

KEYWORDS: ENLIGHTENMENT; EDUCATION; PHILOSOPHY.

RESUMEN Este artículo introduce el concepto de ilustración presente en la *Dialéctica de la ilustración*, de Theodor Adorno y Max Horkheimer (1985). Los autores argumentan que la ilustración tiene la función de promover los hombres a la condición de señores de la naturaleza, la dominando y la sometiendo como sus intereses y necesidades. Las ideas desarrolladas por los pensadores discuten, de modo dialógico y comparativo, la cuestión de la ilustración moderna y los mitos. La conclusión ofrecida por los frankfurtianos es que el mito ya tenía carácter esclarecedor sobre la naturaleza y la moderna ilustración se apropió de las verdades míticas preestablecidas, imponiendo sobre su discurso el criterio único de veracidad de los objetos. Este discurso frecuente es posible a través de la supuesta neutralidad y objetividad científica que parecen ocupar espacio metafísico y religioso en los ideales sociales. La propuesta de superación de este poderío hegemónico de la ciencia moderna es posible a través de una educación crítica. La teoría crítica de la educación considera que el sujeto es parte de un mundo dado. Sin embargo, el sujeto debe colaborar activamente en la construcción del mundo en el que vive, volviéndose así la antítesis operativa en la construcción y transformación de la sociedad existente. Para que esta inserción dialéctica se produzca, el sujeto necesita comprender la estructura social existente. Por lo tanto, es necesario una educación que promueva no sólo la reproducción de los conocimientos existentes, sino que cree conciencia y estimule nuevas percepciones e interpretaciones sobre los hechos,

para que se establezca un nuevo orden social. Tal necesidad debe pensar el educador y el educando en una perspectiva que emancipe todos los involucrados, que evite la normalización de la barbarie y que estimule la reflexión y la construcción de ciudadanos más justos, igualitarios, autónomos y emancipados.

PALABRAS CLAVE: ILUSTRACIÓN; EDUCACIÓN; FILOSOFÍA.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos discutir o conceito de esclarecimento apresentado por Adorno e Horkheimer naquilo que tange aos aspectos educacionais e pedagógicos a respeito de sua teoria. Apresentamos o conceito de esclarecimento na perspectiva da teoria crítica, de Adorno e Horkheimer, bem como o papel do profissional da educação nesse contexto tão influente em nossos tempos. Para tanto, apoiamo-nos na obra *Dialética do esclarecimento* (1985), de Theodor Adorno e Max Horkheimer, para apresentar a segunda parte desse trabalho e propor, fundamentados na teoria crítica, uma nova perspectiva do esclarecimento.

O CONCEITO DE ESCLARECIMENTO

Os pensadores da Escola de Frankfurt iniciam a obra *Dialética do esclarecimento* (ADORNO, HORCKHEIMER, 1985) apresentando o conceito e a função do esclarecimento no pensamento ocidental no processo de transição das narrativas míticas até a consolidação do discurso científico. Nas palavras de Adorno e Horkheimer: “o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (1985, p. 17). Desejar o esclarecimento é característico do ser humano, pois, com sua conquista, há uma inversão em sua relação com a natureza. O humano deixa de ser um elemento entre os demais seres que constituem a natureza, vivendo à mercê de tudo o que nela ocorre e tendo de se adaptar às condições naturais, como clima, tempo e espaço. Ele assume a condição de senhor da natureza, antecipando-se aos seus efeitos e abandonando seus medos em relação aos fenômenos naturais que nela ocorrem.

Com o esclarecimento, o mundo é desencantado, matematizado e calculável. Não há mais o assombro, “maravilhamento” ou encantamento do homem pelo mundo. O mundo agora está claro, previsível, e, se possível, mutável quando necessário. O humano defende que esse esclarecimento que exerce sobre a natureza é promotor de progresso, de manutenção de poder. Com o esclarecimento, o homem abandonou suas perspectivas míticas e religiosas e pôs fim às inquietações metafísicas promovidas pela filosofia. Com a instauração da supremacia da ciência e do poderio que esta exerce sobre a natureza, qualquer relação de poder justifica-se.

Nessa perspectiva, o conhecimento promotor de poder não tem identidade nem está a serviço de determinado senhor, mas está a serviço da economia, no campo de batalha, no uso irrestrito e cada vez mais eficiente da técnica. Enfim, o poder promovido pelo conhecimento desencanta o mundo, desmistifica-o, tornando-o, cada vez mais, distante e objetivo

da realidade humana. O mundo não constitui o humano, mas é sua propriedade, em um caráter totalitário e explorador. O conhecimento está a serviço da exploração e da manutenção do poderio de um determinado grupo em detrimento da natureza, assim como de outros grupos de seres humanos que não integram a constituição dos esclarecidos.

A grande novidade naquilo que tange ao esclarecimento moderno e contemporâneo é sua superação sobre os discursos míticos, o abandono de sua linguagem alegórica e a supremacia da ciência sobre as demais esferas do conhecimento. O que Adorno atenta sobre as ciências é que “os mitos que caem vítimas do esclarecimento já eram produto do próprio esclarecimento” (ADORNO, 1985, p. 20).

Primeiramente, não podemos negar que as narrativas míticas apresentam-se como uma forma de explicação sobre a origem de todas as coisas. Essa perspectiva mostra-se como um meio de entendimento, ainda que alegórico, da realidade. Todavia, essa realidade ainda é percebida por meio do encantamento com o mundo, com o deslumbramento. Com a sensibilidade, o humano busca entender os recursos que tem. As narrativas míticas, tão criticadas pelo conhecimento moderno e contemporâneo, dizem e informam dados de realidade com linguagem imprecisa e, até mesmo, inexata. Não podemos negar que a ciência elabora e constrói seu discurso lógico e exato a partir dos dados apresentados pelas narrativas míticas com o intento de refutá-los ou explicá-los com sua linguagem própria, entretanto partem do mesmo pressuposto que o mito.

Nesse sentido, Adorno enfatiza que:

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 21).

O conhecimento que seguiu às narrativas míticas apresenta-se com caráter dominador. Essa dominação é possível pela alienação ou pelo distanciamento existente entre os que mandam e os que obedecem. A relação entre esses polos do poder é possível e mantida porque há manipulação. A ciência domina a natureza, não porque a observe ou a compreenda, mas porque a manipula. A relação ciência-natureza é semelhante à relação senhor-escravo, pois, tanto no primeiro quanto no segundo, observamos o distanciamento de um e outro. É uma relação que se estabelece a distância porque é isso que mantém a neutralidade e objetividade do conhecimento. A objetividade dessacraliza a natureza, tornando-a conhecida e dominável tecnicamente. Em outros termos: um sujeito constituído de identidade estuda outros seres, humanos e não humanos, a certa distância a fim de que a identidade não apareça. A questão é: qual identidade será negligenciada? O caráter de objetividade é somente em relação à natureza ou inclui também os humanos que não são esclarecidos ou em processo de esclarecimento? Qual a função de esclarecer tanto o mundo, suas coisas e

também os seres humanos, negando a identidade, favorecendo a objetividade? O que vale tanto conhecimento esclarecedor senão para os sujeitos?

Esse modo esclarecedor criado e defendido pela ciência moderna buscou pôr fim aos discursos míticos. Adorno mostra-nos que essa tentativa de dar cabo dos mitos acabou sendo fundamentada nos próprios mitos. Vejamos:

Do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele o recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los, ele cai na órbita do mito. Ele quer se furtar ao processo do destino e da retribuição, fazendo-o pagão, ele próprio uma retribuição. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 23).

De acordo com Adorno, a tentativa de relegar o mito somente ao discurso religioso acabou frustrada pela própria ciência, pois todo o seu discurso funda-se em verdades anunciadas pelos mitos; seus juízos de veracidade e falseabilidade dos fatos refletem-se originariamente neles. Distingue-se no aspecto linguístico, tendo em vista que a ciência arroga-se o discurso puramente neutro, objetivo e metódico.

O discurso da neutralidade e da objetividade científica em relação ao seu objeto é possível, segundo o próprio método científico, por meio do distanciamento entre o pesquisador e o objeto, método esse que assegura a veracidade e lisura nos processos de pesquisa científica. Destaca-se que todo esse procedimento metodológico da ciência faz-se necessário em uma perspectiva de dominação do real. É o distanciamento que homologa a subordinação do mundo perante o sujeito e do servo perante seu senhor. Assim, o domínio que o homem passa a ter sobre a natureza em razão desse distanciamento metodológico propicia-lhe um caráter de superação do medo, pois este converte-se em discurso explicativo do mundo.

Com o advento e ascensão da ciência moderna, o homem acalenta-se pensando ter superado completamente o mito. Podemos exemplificar essa situação com palavras do próprio Adorno:

Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido. É isso que determina o trajeto da desmitologização e do esclarecimento, que identifica o animado ao inanimado, assim, como o mito identifica o inanimado ao animado. O esclarecimento é a radicalização da angústia mítica. A pura imanência do positivismo, seu derradeiro produto nada mais é do que um tabu, por assim dizer, universal. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 26).

O total esclarecimento explicativo promovido pela ciência pensa ter superado toda e qualquer forma de discurso mítico. Esse caráter suplantou o medo próprio do discurso religioso que se funda em narrativas míticas. O que se vê agora é uma supremacia da ciência e o total abandono do antigo discurso de mitos. O que o senso comum desconhece sobre a ciência e o mito é que, na sua origem, o mito relatado por sacerdotes de tribos já separa

aquilo que é sagrado do profano, isto é, estabelece-se uma relação hierárquica. Nesse sentido, a pretensão esclarecedora da ciência e revelação e explicação do mundo já foi dada antes pelos mitos e pela religião.

A ciência, com sua pretensa linguagem neutra e objetiva, busca expressar formas de compreensão do mundo real, isto é, daquilo que é profano. No mito vemos com clareza a relação de submissão do profano em relação ao passado obscuro e mítico apresentado normalmente pelos chefes religiosos. Na ciência, o poder sofre uma *pseudomigração* do sagrado ao profano e apresenta-se na imparcialidade da linguagem científica. Aquele que tem o poder de dizer informa seus juízos e ainda afirma que seu discurso é neutro, objetivo e tem métodos claros estabelecidos por ele mesmo. Analisemos: o poder está com quem? Na narrativa mítica, fica claro que o poder estava nas mãos do narrador mítico ou do poeta. Na linguagem científica, parece que o poder é naturalmente daquele portador do discurso neutro e imparcial. Essa imparcialidade conduz a uma aceitação e coerção social de todos na comunhão irrestrita do discurso científico.

Entretanto, nessa perspectiva do discurso científico, “o impotente perdeu inteiramente a força para se exprimir, e só o existente encontra aí seu signo neutro” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 31). Logo, a relação de submissão existente entre sagrado e profano na esfera mítica e do religioso em relação aos demais indivíduos constituintes do grupo ou da tribo é transferida, na modernidade, para o cientista que substitui a figura do chefe religioso tribal; a relação de poder na sociedade tribal continua existindo na sociedade moderna e contemporânea, conhecida como civilizada.

Essa pretensa neutralidade da ciência torna-a mais metafísica ou religiosa que o próprio mito. Com o esclarecimento advindo dessa neutralidade, todos os símbolos e conceitos foram consumidos. A ciência moderna acabou com todos os conceitos religiosos e universais e deixou o mundo em uma condição de completa abstração e incerteza diante do futuro. O medo, que foi o grande motivo para o desenvolvimento da ciência e a superação do discurso mítico, retorna, e de modo menos esperançoso que antes, pois na realidade mítica e religiosa existe a crença de futuro próspero; tal esperança só pode ser garantida pela ciência em uma perspectiva de probabilidade. Na verdade, o único conceito salvaguardado pela ciência moderna e contemporânea é o da probabilidade.

Tal ciência é divulgada e estudada por meio da educação. Logo, é função da educação a transmissão do conhecimento historicamente produzido. O conhecimento e a educação ajustam, ou deveriam ajustar, o indivíduo à sociedade existente, e, ao mesmo tempo, formá-lo para que consiga transformar sua realidade e criar uma nova sociedade por meio da subjetividade.

O ESCLARECIMENTO E A EDUCAÇÃO

Nesse processo de esclarecimento dialético, a educação é a responsável pela existência de uma sociedade democrática e cidadã. Nesse sentido, podemos pensar em uma teoria crítica da educação que não atenda exclusivamente aos interesses da burguesia dominante,

e que todos, sem distinção, tenham acesso ao conhecimento, a fim de que possam discernir e deliberar sem a influência dos outros.

Assim, a educação deveria ser um processo de esclarecimento e busca permanente de superação da ideologia,¹ desenvolvendo nos indivíduos a capacidade de realizar experiências que lhes permitam tornar-se autônomos. Vislumbram-se, dessa forma, mecanismos de resistência à barbarização presente na sociedade, pois “a educação para a experiência é idêntica para a emancipação” (ADORNO, 1995, p. 151).

Em uma sociedade que se reproduz em torno da dominação, faz-se necessário investigar para onde a ciência caminha ao aderir e responder às suas exigências imediatas. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), emancipação e conhecimento estão relacionados em um eixo comum chamado esclarecimento, e, no sentido mais amplo, do progresso do pensamento. O esclarecimento busca e objetiva livrar os homens do medo e torná-los senhores de si, levá-los a superar os mitos e as distorções da imaginação sobre a realidade por meio do saber. Logo, o programa do esclarecimento consiste em desencantar o mundo. Contudo, os autores afirmam que o próprio esclarecimento contém, em sua dinâmica, elementos progressivos e regressivos que possibilitam e dificultam aos homens essa capacidade. Nesse sentido, “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 17).

Segundo Adorno (1995), a única concretização efetiva da emancipação requer que as poucas pessoas interessadas nessa direção orientem sua energia para que a educação dirija-se para a contradição e para a resistência; a emancipação só se concretiza se for elaborada em todos os planos da vida.

Na perspectiva de uma educação dirigida para a contradição e para a resistência, como o profissional da educação deve proceder? O trabalho dos profissionais da educação torna-se fundamental no sentido de esclarecer as contradições e, conseqüentemente, as dificuldades encontradas para que assim possam desenvolver ações educacionais, propiciando aos alunos a criação de capacidades para o desenvolvimento de experiências formativas, esclarecendo as contradições do mundo em que vivem e permitindo-lhes resistir às barbarizações, cada vez mais refinadas, que atingem a vida humana.

Faz-se necessário, então, uma reflexão sobre o trabalho dos profissionais da educação atrelados às instituições educacionais reconhecidas como *locus* de formação. Sabe-se que a formação não se dá apenas no espaço formal da educação. De acordo com Adorno (2000, p. 142), em *Educação e emancipação*, “a formação não é outra coisa do que a cultura pelo lado de sua apropriação subjetiva”. A cultura, porém, não é independente, quer da sociedade, quer da natureza ou quer do indivíduo (categorias privilegiadas na teoria crítica). Os laços entre os conceitos de sociedade, indivíduo, cultura e natureza estão sempre presentes, independentemente do aspecto analisado.

¹ A ideologia foi um dos conceitos fundamentais da filosofia de Marx e Engels, desenvolvido, em especial, no livro *A ideologia alemã* (1999): “os homens sempre formaram ideias falsas sobre si mesmos, sobre aquilo que são e deveriam ser. Organizaram as suas relações mútuas em função das representações de Deus, do homem normal, etc., que aceitavam. Estes produtos do seu cérebro acabaram por os dominar; apesar de criadores, inclinaram-se perante suas próprias ideias. Libertemo-los, portanto, das quimeras, das ideias, dos dogmas, dos seres imaginários cujo jugo os faz degenerar” (MARX; ENGELS, 1999, p. 7).

No entanto, torna-se difícil refletir sobre essa teoria sem precisar a questão da formação educacional no atual contexto sociopolítico, pois isto acarreta análises sobre o trabalho da educação e também sobre os benefícios que ela pode proporcionar diante dos avanços e transformações científico-tecnológicas que estão ocorrendo no mundo do trabalho. A contemporaneidade caracteriza-se por desafios que impõem discussões e análises relativas à formação dos profissionais da educação. Em virtude disso, deve-se refletir sobre os sujeitos que aí estão envolvidos, ou seja, atentar para as prioridades que fazem parte das políticas públicas, de forma que estas se constituam em fundamentos para a formação dos profissionais da área.

Na atualidade, discute-se a crise na formação cultural, muitas vezes lida de forma simplista por pessoas desavisadas em relação ao trabalho das instituições educacionais, responsabilizando-as pela situação em que se encontra a formação na atual conjuntura.

O que se manifesta como crise da formação cultural não é um simples objeto da pedagogia, que teria que se ocupar diretamente desse fato, mas também não pode se restringir a uma sociologia que apenas justapõe conhecimentos a respeito da formação. Os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações. Reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles. Igualmente, diante do ímpeto do que está acontecendo, permanecem insuficientes às reflexões e investigações isoladas sobre os fatores sociais que interferem positiva ou negativamente na formação cultural. (ADORNO, 2000, p. 141-142).

A constituição de um indivíduo autônomo é o fim apresentado pela formação cultural e, até mesmo, pelas teorias pedagógicas, porém um fato que impede esta composição é a dominação irracional da natureza, uma vez que isto impede que o indivíduo perceba que é dominado e, por conseguinte, não vislumbre a possibilidade de libertar-se da dominação.

Adorno afirma, em *Mínima moralia*, que:

o indivíduo reflete, precisamente em sua individuação, a lei social preestabelecida da exploração, por mais que essa seja mediatizada. Isso significa também que sua decadência na presente fase não é algo a ser derivado de um ponto de vista individual, mas sim a partir da tendência da sociedade, tal como ela se impõe por meio de individuação, e não como mero adversário desta. [...] A sociedade é descrita [...] como um sistema, que não só os encerra [os homens] e [os] deforma, mas penetra até aquela humanidade que um dia os determinava como indivíduos. Através dessa interpretação exclusivamente humana da situação como ela é, a crua realidade material, que conecta o ser humano à desumanidade, se vê aceita mesmo quando é denunciada. [...] A situação na qual o indivíduo desaparece é ao mesmo tempo a de um individualismo desenfreado, onde 'tudo é possível'. (1992, p. 131).

Portanto, agora se deve pensar no indivíduo como uma forma de sociedade, sendo ele mediado pela convivência social. Por outro lado, o próprio conceito de indivíduo indica a possibilidade de autodeterminação e autoconsciência do homem, fatos que o diferenciam da natureza e da sociedade. Por meio dessa possibilidade, o homem carrega a antítese da sociedade que o constitui, de forma que o indivíduo, entendido como produto e produtor da cultura, acaba por confrontar-se com ela justamente por causa da mesma possibilidade.

Dessa forma, dificulta-se ao indivíduo a apropriação dos bens produzidos historicamente, assim como a falta de compreensão da realidade e da irracionalidade a que se deixa submeter, que o impede de ver as condições de liberdade e felicidade presentes. Esse fato é decorrente da deficiência de sua formação, ou seja, há uma “perda da capacidade de fazer experiências formativas” (ADORNO, 1995, p. 26). Para entender o processo de deficiência, faz-se necessário compreender o que Adorno entende por educação.

Adorno compreende a educação a partir dos conceitos de barbárie e emancipação. Ele tem como preocupação fundamental a questão da barbárie. O autor define-a da seguinte forma:

Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode ser mais nem menos ser condenada como barbárie. (ADORNO, 2000, p. 159-160).

Adorno (2000) identifica a barbárie ao nazismo, pois este seria um caso de manifestação da barbárie. Durante o nazismo,² a violência física teria se tornado algo banal e as pessoas teriam passado a se identificar com ela, embora ela estivesse desvinculada de objetivos racionais.

O trabalho da educação, tal como visto pelo autor, é impedir a volta da barbárie, isto é, o retorno do totalitarismo³ e do nazismo. O retorno do totalitarismo é uma possibilidade existente, e é justamente por pensar assim que sua preocupação centra-se na questão da barbárie. As condições histórico-sociais que engendraram o nazismo ainda existem e, por isso, é preciso impedir seu ressurgimento. Se a possibilidade do retorno da barbárie existe, então a educação assume um trabalho importante no sentido de prevenir e impedir tal retorno.

A emancipação, nesta perspectiva, não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas, crucialmente, como um ser social. Ela é um dos pressupostos da democracia e funda-se na formação da vontade particular de cada um, tal como ocorre nas instituições representativas. É preciso supor, para evitar um resultado irracional, que cada um possa se servir do próprio entendimento. A emancipação é a formação para a autonomia, mas ela só pode ser bem-sucedida se for um processo coletivo, já que, em nossa sociedade, a

² Partido e doutrina do movimento nacional-socialista alemão chefiado por Hitler (1889-1945) que defendia a superioridade da raça ariana.

³ Sistema de governo que concentra todos os direitos e regalias no Estado, excluindo as liberdades e privilégios individuais.

transformação individual não provoca, necessariamente, a transformação social, mas esta é pré-condição daquela. A educação deve contribuir, portanto, para o processo de formação e emancipação, colaborando para criar condições nas quais os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia.

A emancipação, afirma Adorno (2000, p. 171), “precisa ser inserida no pensamento e também na prática educacional”, porém também aponta que a organização do nosso mundo, a ideologia dominante e o processo de adaptação gerado pela sociedade são problemas para a emancipação.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início, existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade: uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 2000, p. 143-144).

Então, só se pode pensar uma educação direcionada para a emancipação, e, nesse sentido, ela seria um processo de esclarecimento em busca permanente de superação da ideologia e do sujeito cativo, desenvolvendo a capacidade de os indivíduos realizarem experiências, as quais são pressupostos para eles se tornem autônomos. Eles vislumbrariam mecanismos de resistência à barbarização presente na sociedade, pois “a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação” (ADORNO, 2000, p. 151), isto é: a educação é instrumento para a emancipação e, como tal, tem que ser vivenciada.

A educação crítica deve atender a uma perspectiva de resistência. Como precisa ser, então, a atuação do profissional da educação? Qual deveria ser seu trabalho nesse processo? A educação, nesse contexto, é algo instigante.

Nessa linha de raciocínio, Adorno afirma que

seria melhor que quem tem deficiências a este respeito, não se dedicasse a ensinar. Ele não apenas perpetuará na escola aquele sofrimento que os poetas denunciavam há sessenta anos e que incorretamente consideramos hoje eliminado, mas além disto dará prosseguimento a esta deficiência nos alunos. (2000, p. 64).

Tendo em vista que há muitos profissionais da educação pseudoformados, como sair dessa realidade? Nesse caso, além da compreensão do processo de dominação presente na sociedade, faz-se necessário clarear os tabus que cercam o profissional da educação, bem como o seu trabalho que, segundo ADORNO (2000), “consiste em tornar supérfluo” que o aluno caminhe rumo à autonomia.

Para tanto, a identificação do profissional da educação tecnológica com o conhecimento é básica e fundamental, pois facilita sua identificação e a do aluno com o processo de produção do conhecimento, tornando possível, dessa forma, a liberdade e a independência

do discente no contexto de suas experiências formativas, fator essencial para a constituição de uma verdadeira formação cultural, que só tem condições de existir com indivíduos autônomos.

O aprofundamento da compreensão dos nexos da profissão de ensinar dirigida para uma educação emancipatória é imprescindível nas discussões e reflexões relativas à formação dos profissionais da educação, pois, pelo que está se delineando atualmente, eles vêm se transformando, dentre outras coisas, em vendedores de conhecimento, o que “nesses termos reduz o intelecto a um mero valor de troca, o que é tão problemático como o é qualquer progresso no seio do existente” (ADORNO, 2000, p. 62). Agindo sob esta perspectiva, tornam-se instrumentos de manutenção e reprodução da barbarização.

CONCLUSÃO

A reflexão sobre o trabalho do profissional da educação torna-se fundamental no sentido de esclarecer as contradições e, conseqüentemente, as dificuldades encontradas no seio do desenvolvimento de um trabalho educacional que efetivamente desenvolva nos alunos a capacidade de experiências formativas que lhes possibilitem esclarecer as contradições do mundo em que vivem e resistir ao processo irracional de barbarização que, cada vez mais refinada e acentuadamente, banaliza a vida humana.

O trabalho dos profissionais da educação deve comprometer-se a barrar o processo de barbarização da cultura. Só a “desbarbarização” poderá transformar o ser humano e a sociedade, tendo em vista que a busca de elementos concretos que possam subsidiar a luta contra a barbárie deve constantemente refletir esse processo, o qual é importante para a formação cultural e para a constituição desses profissionais em indivíduos autônomos e sujeitos.

Com esta compreensão, as possibilidades de desenvolvimento de mecanismos objetivos e subjetivos que permitam resistir ao processo de dominação que desfigura a humanidade poderão surgir. Em vista disso, o profissional da educação poderá ter, utopicamente, melhores condições para possibilitar aos seus alunos o desenvolvimento de experiências que gerem capacidades intelectuais de compreensão das contradições e de resistência às condições desumanas impostas pela sociedade, contra a produção de uma consciência verdadeira e de indivíduos emancipados.

É de suma importância, portanto, repensar, examinar e refletir constantemente sobre o trabalho do profissional da educação, sobre sua formação e suas condições de atuação, com a finalidade de construir saídas possíveis para seus obstáculos e impedimentos, a fim de constituírem-se, por meio da sua formação, indivíduos emancipados. É importante verificar também como eles estão lidando com o processo de dominação presente em todas as esferas da sociedade, pois é por meio da resistência, ou não, a esse processo que ele cumprirá o trabalho de tentar conter a barbárie e proporcionar aos alunos experiências formativas que lhes deem o mínimo de condições para desenvolver uma consciência verdadeira. Em decorrência disso, é crucial que se reflita sempre sobre a temática, pois assim se estará repensando a formação dos profissionais envolvidos com a educação e visualizando as possibilidades de resistência no contexto do ensino.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

ADORNO, T. W. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

Submetido em: 13-8-2015

Aceito em: 21-8-2015